



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

SÃO PAULO, SP, EM 11 DE OUTUBRO DE 2002

*Senhor Ministro dos Transportes, João Henrique; Senhor Ministro do Planejamento, Guilherme Dias; Deputado Walter Feldman, Presidente da Assembléia de São Paulo e que agora será Deputado Federal; Senador Romeu Tuma, reeleito por São Paulo; Líder Arnaldo Madeira; Deputado Panúzio; Deputado Everaldo Farias; Parlamentares aqui presentes; Os nossos Prefeitos de Salesópolis, de Taboão da Serra, de Juquetiba; Prefeitos de Itapeirica da Serra e de Carapicuíba; Enfim, amigos da região aqui presentes,*

O Doutor Luzinha que representa – dá a impressão de que é o pai que está aqui. Isso nos deixa comovidos, felizes, contentes de ver e de poder estar aqui presentes para homenagear essa figura querida do Mário Covas,

Eu queria dizer, mais uma vez, da minha emoção de poder ter ajudado a construção desta obra. Mário sempre teve um entusiasmo muito especial por esta obra. Não sei quantas vezes andei com ele, de helicóptero, percorrendo o que viria a ser o Rodoanel. E ele, com aquele entusiasmo e com aquela precisão de engenheiro. Eu até me perdia. Sou mui-

to desorientado geograficamente – só geograficamente – para saber de que lado nós estávamos, Piscinão para cá, túnel para lá, sai aqui, sai acolá. Ele repetia e chamava o Michael, e reclamava, e pedia mais, e falava com o Sérgio... Aquele dínamo humano que era o Mário e aquela vontade férrea de fazer a obra e uma cobrança infinita: “E o dinheiro, que não vem?”

Mas o dinheiro veio. E é com muita satisfação que posso dizer que esta foi uma obra que fizemos com carinho. Não é fácil. Pode parecer fácil, mas não é fácil destinar, não vou nem dizer quantos milhões de reais foram destinados a uma obra, que, aparentemente, é para uma cidade e é, na verdade, para o Brasil. Na verdade, é uma obra de interesse nacional, porque é confluência de estradas, é caminho do Mercosul, é a facilitação dos transportes. Mas não é fácil convencer o Brasil de que não há aqui um particularismo do Presidente, não é porque seja de São Paulo que está destinando recursos a São Paulo, mas é porque está destinando recursos a uma parte do Brasil que é fundamental para o Brasil, que é São Paulo.

E conseguimos. Nós conseguimos fazer com que mesmo aqueles que haviam prometido esta obra, há 30 anos – Governo Natel, não cito o nome do Secretário de Obras, porque ele diz que fez tudo em São Paulo; não conseguiu fazer nada, a não ser palavras; não saiu sequer do papel. Nós fizemos. Nós fizemos e a Prefeitura não conseguiu colocar um tostão nesta obra da cidade de São Paulo, porque dois terços são do estado e um terço é federal. Não tem importância, eu sou paulistano, esse terço vale para a cidade de São Paulo.

É assim que vamos, pouco a pouco, reconstruindo este Brasil. É com gente com a fibra de Mário Covas, com a visão, com a determinação, com a generosidade, porque não se faz nada de duradouro com mesquinaria. Mesmo aqueles que prometem e não cumprem, deixa para lá, vão ficar pelo caminho. Nós vamos levando adiante os programas que são do Brasil.

Neste momento, que é um momento de eleição, fala-se muito em mudança. Mas é preciso ver para que lado. Se for mudar para fazer plano que não vai para a realidade, é melhor não mudar. Porque nós

estamos mudando o Brasil e vamos continuar mudando o Brasil. A obra de Mário Covas vai ser perpetuada aqui, o Governador Geraldo Alckmin está trabalhando nessa direção. Não está falando, está fazendo. Essa é a diferença entre a retórica e o trabalho metódico, o trabalho construtivo, o trabalho sem placas para anunciá-lo, mas que vai construindo o Brasil.

O Ministro dos Transportes mencionou a Norte-Sul. Eu disse, quando fui à inauguração da ponte na cidade de Estreito: nós fomos críticos da Norte-Sul, na época. Erradamente. Não havíamos compreendido a grandeza daquela obra. E eu rendi homenagem àquele que havia compreendido – até porque era de lá e sabia mais de perto –, o Presidente José Sarney. E, em vez de ficar com picuinhas, fizemos a obra. Estamos avançando na Norte-Sul.

Mas não é só a Norte-Sul. Aqui, na Ferronorte – os Deputados que aqui estão sabem disso – foi a mesma história, muitos projetos. Não havia uma ponte rodoferroviária para cruzar o rio Paraná e permitir que haja uma ligação ferroviária e rodoviária entre São Paulo e Mato Grosso do Sul. Nós fizemos. Deu muita emoção estar na locomotiva que, primeira vez, cruzou aquele rio, é uma das pontes mais bonitas do mundo. E hoje essa ferrovia – a Ferronorte – não apenas liga São Paulo ao Mato Grosso Sul, mas Mato Grosso Sul ao Mato Grosso. Já está em Alto Taquari, caminhando para Rondonópolis e amanhã – daqui a algum tempo – estará em Cuiabá, trazendo a riqueza que é produzida no coração do Brasil para o porto de Santos, que vou regionalizar, porque o porto de Santos pertence a São Paulo.

Então, essa reestruturação do Brasil já está em marcha. As mudanças de infra-estrutura no Brasil, que estavam paralisadas, hoje estão se concretizando. Mas, como tudo na vida, toma algum tempo. E, enquanto não aparecem, só aparecem os buracos e só se ouvem críticas.

Ao vir para cá, eu conversava com os coronéis que estavam comigo, no helicóptero e no automóvel, e dizia que me recordo de que há pouco menos de 50 anos, na segunda metade dos anos 50, eu fazia pesquisas sobre negros, no Rio Grande do Sul. Então, saíamos de São Paulo para ir para Pelotas e Rio Grande. Daqui até lá, tudo era terra, não havia um

quilômetro de pavimentação. Saía-se daqui, onde hoje é a Régis Bittencourt, a BR-116, e aí aquela dúvida tremenda: e o vale da Ribeira? O que que vai acontecer em Apiaí? E se chover? Se chover pára, um ou dois dias, porque não tinha outro jeito. Sobe a serra e vai para Curitiba. E, depois, vai por cima, por Vacaria, para chegar a Caxias do Sul. Desce a serra e chega a Porto Alegre. E, de Porto Alegre, para chegar a Pelotas, é balsa para cruzar o Guaíba, é balsa para cruzar não sei qual outro rio. E chega a Pelotas: como é que vai de Pelotas a Rio Grande, que é ali, ao lado? É a mesma coisa.

Hoje, reclama-se – até com razão – que as estradas estão esburacadas. Mas elas são de pavimentação. Naquele tempo, era lama. Até hoje, sou bom para guiar carro na lama, porque aprendi lá. Os mais jovens não são capazes de guiar quando tem lama. Não é vantagem, a vantagem é não saber guiar na lama. E a imensa maioria dos brasileiros está desaprendendo a guiar na lama, porque as estradas estão sendo pavimentadas. Os buracos são horríveis, mas a lama, meu Deus, a lama pára o carro.

Então, o Brasil está se refazendo, está se reconstruindo. Não é de agora. Não são nos oito anos do meu Governo. Refiro-me a 50 anos atrás. Quando vim para São Paulo pela primeira vez – foi em 1940 –, só havia dois trechos de estradas pavimentadas em todo o Brasil. Isso foi em 1940 – dois trechos pavimentados em todo o Brasil. Era a Via Anchieta e um pedacinho da Dutra – que não se chamava Dutra, que não existia – em que se subia a serra das Araras, no Rio de Janeiro. O resto, nem um quilômetro de pavimentação no Brasil todo.

Ministro, qual é a quilometragem das rodovias federais, hoje? Cinquenta mil quilômetros? Cinquenta e oito mil quilômetros. São Paulo tem muito mais, porque tem muitas e excelentes estradas estaduais. Minas também têm. Então, este é um país que está se fazendo com energia e que não pode perder essa energia numa crítica estéril. É preciso mudar para melhor, mas não para pior. Mudar para melhorar, sempre. Para piorar, meu Deus, deixa como está, porque não está tão mal assim. Estamos avançando, construindo um país sério, honrando os

compromissos e fazendo com que o Brasil cada vez mais se integre, internamente e daqui para o exterior.

Daqui para o exterior, mudou tudo. Só no meu Governo – olhem, vou dar o nome de alguns portos que não havia: Pecém, no Ceará, Suape, em Pernambuco, Sepetiba, no Rio de Janeiro. Esses são os grandes portos. Sepetiba, a gente até chama de *hub*. Antigamente, quando a gente queria fazer bonito, falava em latim, agora fala em Inglês. Bom, é um porto de entroncamento entre outros portos; é um porto grande, importante. Sem falar que nós modernizamos Rio Grande, outro porto; Paranaguá, outro porto; além do de Santos, porto do Rio, porto de Cabedelo, porto do Pará. Isso foi feito em oito anos. Para quê? Porque o Brasil, hoje, mais que nunca sabe que não basta o mercado interno, ele tem que exportar para ter moeda forte, para poder investir, para ter tecnologia, para poder crescer. Preparamos essa infra-estrutura.

E o Brasil, que sonhava, talvez, em ser isolado, há 50 anos, hoje sabe que nenhum país do mundo mais pode pensar sozinho, ele tem que se integrar. Hoje, a energia que chega em Roraima vem da Venezuela, vem do Guri. O gás que começa a mover as turbinas, que nós estamos fazendo crescentemente por aqui, vem da Bolívia, vem da Argentina. E por aí vai. Nós estamos nos integrando, crescentemente. Isso tudo são obras. Não havia gasoduto, simplesmente. O gasoduto Brasil–Bolívia era um sonho de 1950 e poucos.

Sonharam. Nós fizemos. Mas nós precisamos continuar sonhando. Vamos continuar sonhando que o Brasil vai continuar em mãos competentes, que o Brasil vai continuar a ter essa capacidade de construir com generosidade, sem ódio, sem mesquinha e com muito trabalho.

Esse é um exemplo mais vivo disso, até mesmo por uma particularidade: ao chegar aqui, encontrei uma das empresas, a Queiroz Galvão, que veio lá do Norte. Hoje, faz parte da construção aqui no Sul. É um novo Brasil. Não é só o imigrante que veio para São Paulo ajudar a construir São Paulo, mas é o empresário que vem a São Paulo para ajudar a construir. É um Brasil mais dinâmico, é um Brasil que tem essa capacidade de atrair as energias próprias.

Por todas essas razões, ao chegar hoje aqui, ao ver esta obra e, agora, já em grande parte concretizada, a primeira pergunta que fiz foi egoísta. Perguntei ao Secretário Davi: serve para ir para Ibiúna? Mas imagino que esta mesma pergunta cada um dos Prefeitos aqui presentes e todas as pessoas que usam vão perguntar: "Serve para mim?" Serve para muita gente. Vai servir para mais gente. Tenho certeza de que este Rodoanel vai se estender, vai servir para mais gente. Mas já serve para muita gente e serve, sobretudo, para os caminhoneiros. Caminhoneiros que são uma parte essencial da riqueza do Brasil e que precisam ser tratados com a dignidade, com o respeito que eles merecem e que, muitas vezes, não damos a atenção e a importância para esta obra que é cumprida pelos caminhoneiros. Um país que escolheu, há 40 anos também, que o caminho dele era o caminho das estradas de rodagem não pode, de repente, só porque temos hidrovias e estradas de ferro, esquecer-se de que continua sendo fundamental melhorar a condição de transporte e de que os caminhoneiros são a base dessa capacidade que hoje temos de deslocar mercadorias.

Mas por todas essas razões, acho que devemos, realmente, hoje, celebrar. Também lamento que Geraldo não esteja aqui. Mas, se me permittem, eu o represento. É contra o protocolo, mas não é contra a lei. E represento porque tenho certeza de que, se tivesse podido estar presente, ele dedicaria esta obra, como nós todos, a uma só pessoa: a Mário Covas. Esta obra é de Mário Covas.

E é com emoção que me despeço de vocês, de Lila e de toda a família, e penso que o Mário, lá no céu, há de estar hoje num dia de glória. Glória porque sentiu que o que ele anteviu, vocês foram capazes de construir.

Muito obrigado a vocês todos.